

LITERATURA E EXPERIÊNCIA HISTÓRICA EM *DE RIOS VELHOS E GUERRILHEIROS: O LIVRO DOS GUERRILHEIROS*, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA¹

LITERATURE AND HISTORICAL EXPERIENCE IN *DE RIOS VELHOS E GUERRILHEIROS: O LIVRO DOS GUERRILHEIROS*, BY JOSÉ LUANDINO VIEIRA

*Aulus Mandagará Martins*²

*Marcelo de Andrade Duarte*³

RESUMO: Este trabalho visa, com ênfase nos estudos comparatistas, especificamente no entrecruzamento de literatura e história (RICOEUR, 2010), analisar como Vieira, por meio da voz do ex-guerrilheiro – Kene Vua –, repensa e recria fatos históricos do passado de guerras de Angola. Para isso, teremos como corpus privilegiado o romance *De rios velhos e guerrilheiros: O livro dos guerrilheiros*, em que o já citado narrador realiza, através de memórias fragmentadas, uma reavaliação do colonialismo, repensando passado e presente angolanos. Durante tal romance, Luandino expõe a fronteira tênue que existe entre literatura e história, pois se utiliza de paratextos, notas autorais, em que se coloca no romance afirmando como se todas as “estórias” ali narradas fossem verdades contadas a ele por Kene Vua.

Palavras-chave: Literatura. História. Memória. O livro dos guerrilheiros. Luandino.

ABSTRACT: This work aims, emphasizing comparatist's studies, more specifically in the intersection of literature and history (RICOEUR, 2010) examines how Vieira through the narrative voice of the ex-guerrilla - Kene Vua - rethink and recreate historical events of the past wars of Angola. For this, we have how a privileged corpus the novel *De rios velhos e guerrilheiros: O livro dos guerrilheiros* in which the aforementioned narrator realizes, through fragmented memories, a reassessment of colonialism, rethinking Angola's past and present. During this novel, Luandino exposes the fine line that exists between literature and history, as it uses paratexts, picture notes, which arises in the novel as stating all the "stories" narrated there were truths told him by Kene Vua.

Keywords: Literature. History. Memory. O livro dos guerrilheiros. Luandino.

¹ Artigo recebido em 25 de setembro de 2015 e aceito em 26 de novembro de 2015. Texto orientado pelo Prof. Dr. Aulus Mandagará Martins (Universidade Federal de Pelotas).

² Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor de Graduação e Pós-graduação da Universidade Federal de Pelotas.
E-mail: aulus.mm@gmail.com

³ Doutorando do Curso de Teoria da Literatura da PUC-RS.
E-mail: marcelo.duarte.jag@gmail.com



INTRODUÇÃO

Luandino Vieira, escritor angolano⁴ dedicado a expor as mazelas dos musseques (favelas) durante a guerra pela descolonização, em sua trilogia *De rios velhos e guerrilheiros* desloca-se das periferias e volta seu olhar para as matas e os rios. O narrador dessa trilogia, da qual foram lançados apenas dois livros, é Diamantino Kinhoka – Kene Vua – que traz ao presente da enunciação, por meio de memórias fragmentadas, a luta pela libertação de Angola e através dessas lembranças analisar as marcas deixadas pela guerra.

Para o desenvolvimento deste artigo propomos analisar como se dá a recriação do passado de guerras angolanas cuja ênfase é reavaliar o colonialismo, discutindo passado e presente angolanos, por meio de memórias fragmentadas. Nessa discussão utilizaremos *De rios velhos e guerrilheiros II: O livro dos guerrilheiros* (2009)⁵, obra em que José Luandino Vieira traz para discussão questões referentes à guerra angolana pela descolonização portuguesa através do olhar dos guerrilheiros. Consideramos esse um romance contemporâneo, pois, além de uma questão de ordem temporal, publicado em 2009, o autor angolano apresenta uma atitude contemporânea. Afirmamos isso com base no conceito de contemporâneo proposto por Giorgio Agamben, na qual o autor inscrito nessa contemporaneidade deve ter “uma singular relação com seu próprio tempo” (AGAMBEN, 2010, p. 59) sem manter seu olhar fixo sobre sua época, estabelecendo ao mesmo tempo uma “dissociação e um anacronismo” (p. 59). Além disso, o filósofo italiano afirma que o contemporâneo é o espaço no qual ocorre a relação entre os tempos, local de encontro entre gerações, estabelecendo relações entre passado e presente em uma análise dialética (próximo ao conceito de História dos *Annales*), quando algo do passado é reatualizado no presente. O romance de Luandino, como veremos, retorna aos anos da guerra anticolonial em Angola, não para reafirmá-lo, mas para repensar os rumos tomados pelo governo instituído após a retomada do poder quando da saída de Portugal do controle político do país; assim, Luandino desenvolve esse repensar da História com uma postura contemporânea, buscando compreender o escuro do seu tempo.

Sabemos que diversos autores africanos, entre eles Pepetela com o romance *Mayombe* também abordam essa temática em suas obras. No entanto, Luandino o faz com um grande distanciamento do

⁴ O autor se considera um cidadão angolano apesar de ter nascido em Portugal no ano de 1935, pois com apenas 3 anos de idade emigrou com seus pais para Angola em busca de melhores condições de vida. Importante destacar que neste ano de 2015 Luandino Vieira completou 80 anos de idade.

⁵ Segundo livro da trilogia, o primeiro é: *De rios velhos e guerrilheiros I: O livro dos rios*.



acontecimento histórico (em torno de 30 anos), tendo, assim, condições de reflexão acerca dos propósitos dessa guerra, ou seja, fazendo uma revisão crítica do passado histórico de guerrilhas com uma perspectiva no presente, amparado nas memórias de cinco guerrilheiros. Em nossa reflexão não trabalharemos com todas as narrativas, apenas com as que apresentam paratextos⁶ – notas de rodapé assinadas como “N. do A.” (notas do autor) – que problematizam, claramente, as relações entre literatura e história. Analisaremos também o epílogo *A onça*, no qual Luandino reflete os problemas políticos e sociais do presente angolano, evidenciando suas fissuras e contradições.

Como método de análise do texto literário iremos nos basear nos pressupostos do comparatismo e da interdisciplinaridade, a partir dos quais é possível pensar “como uma determinada forma de expressão pode se apropriar de características de outra sem perder sua especificidade” (CARVALHAL, 2003, p. 40). Preocupando-se com o que a interação de diferentes áreas do conhecimento provocará no objeto que é comparado: a literatura. Assim, interrogando “os textos literários não como sistemas fechados em si mesmos, mas em sua interação com outros textos, literários ou não” (p. 48). Dialogaremos, particularmente, com as relações entre literatura e história, descritas por Paul Ricoeur (2010) e a pesquisa antropológica das relações entre memória e identidade, de Joël Candau (2011).

Como afirmamos anteriormente, para o desenvolvimento deste artigo, teremos, basicamente, como fundamentação a proposição de Ricoeur em que há um entrecruzamento entre literatura e história. Pensando no entrecruzamento da história e da ficção, Ricoeur propõe uma conciliação de teorias anteriores que eram opostas ou quase a mesma coisa. É através desse entrecruzamento que a história e a ficção concretizam suas intencionalidades, por meio de empréstimos uma da outra. Bem como Aristóteles, Ricoeur reflete a aproximação entre literatura e história pela presença de uma narrativa. No entanto, Aristóteles estava preso em fatos, representação de eventos através dos critérios de veracidade e verossimilhança. Já Ricoeur não pensa em fatos e eventos, sim na configuração do tempo vivido e afirma que história e ficção fazem a mesma coisa, mas por procedimentos diferentes. Ambas configuram o tempo vivido, mas a história necessita de provas documentais (aproximando-se do argumento de Aristóteles, de veracidade) presa aos conectores específicos ao passo que a ficção prescinde de provas documentais (verossimilhança) liberta de tais conectores. Assim, a história é a variação interpretativa dos vestígios, já a ficção é uma variação imaginativa sobre o tempo.

⁶ Celestino Sebastião (*Kakinda*), de *Tenda Rialozo*; *Kibiaka*, a quem chamavam o *Parabelo*; e *Zapata*, melhor dizendo: *Ferrujado* e *Kadisu*.



Desse modo, os mesmos dados, datas e personagens estão presentes nas variações interpretativas sobre o tempo e o historiador não poderá fugir dos vestígios (que suportam infinitas interpretações), mas terá interpretações diferentes que não poderão fugir aos fatos, dentro do limite do provável. E a ficção configura o tempo narrativo através da imaginação, operando nas falhas e nas brechas da história, dando aos vestígios possibilidades de experiências. Portanto, o ponto de convergência entre história e ficção é a leitura. A leitura une o mundo do texto ao mundo do leitor.

A PROBLEMÁTICA DA MEMÓRIA EXPRESSA NOS PARATEXTOS

Como mencionado anteriormente, a narrativa aqui em questão gira em torno de cinco guerrilheiros que são apresentados no romance anterior⁷ em uma passagem que reúne um grupo de guerrilheiros que vão julgar a traição de um ex-camarada. Kene Vua, narrador de ambas as obras, apresenta-os:

(...) o monitor político Celestinho Mbaxi, o que em traição nossa era o nosso querido camarada Kakinda Bastião (...) Makongo, dito o MaudosMaus, pambala, um menino pioneiro de maldades; luz de brasa debaixo da cinza, a caradura do Kizuuu-Kiezabu; Kibiaka, o parabelo, pássaro traquino; o Farrapado e o camarada Kadisu como que falavam calados lá na vida deles, sentados juntos. (VIEIRA, 2006, p. 38 e 39)

Além de narrar a história de cada um desses guerrilheiros, quase na mesma ordem citada anteriormente, temos uma narrativa de apresentação do narrador (sem título) e uma de encerramento intitulada *Nós, a onça*. Tais histórias compõem esse **romance**, que logo na capa e página de rosto já apresenta seu primeiro enigma⁸ proposto ao leitor, visto que encontramos abaixo do título a expressão "narrativas" (que pela primeira vez aparece na bibliografia de Luandino Vieira, visto que nomeava seus contos por estórias) aproximando-se, assim, da oralidade.

⁷ *De rios velhos e guerrilheiros I: O livro dos rios*.

⁸ Luandino Vieira propõe que esse livro seja lido devagar, porque exige um grande esforço de interpretação (nota publicada por Andrea Sanches no *Novo jornal*, 2009).



Previamente às narrativas temos uma espécie de introdução intitulada *EU, OS GUERRILHEIROS*:

PAUTA DE ALGUNS GUERRILHEIROS QUE TEVE NO GRUPO DO COMANDANTE NDIKI NDIA, OU ANDIKI; E QUE VIERAM NA MISSÃO QUE FOMOS NO KALONGOLOLO, NAQUELE ANO DE 1971. CONFORME NOTÍCIAS, MUJIMBOS E MUCANDAS E AINDA A LEMBRANÇA DE QUEM LHES ESCREVEU, ALGUNS SUCEDOS DE SUAS VALEROSAS VIDAS OU DE SUAS EXEMPLARES MORTES, PARA ALEGRIA DOS MENORES E TRISTURA DOS MAIS-VELHOS. (VIEIRA, 2009, p. 10)

Essa breve introdução evoca o tópico da interligação entre a individualidade (“EU”) tanto do narrador Kene Vua, quanto dos guerrilheiros que tem suas histórias contadas por meio da memória do mesmo e a coletividade da qual o narrador faz parte (“OS GUERRILHEIROS”). Além disso, encontramos o elo entre as histórias desses guerrilheiros: a missão realizada no Kalongololo em 1971. Ainda nessas poucas linhas introdutórias, podemos notar a presença da oralidade como matéria para a memória (que será repassada aos mais novos, que as receberão com alegria e lembradas pelos mais velhos que sentirão tristeza nesse processo de rememoração), visto que são referidas suas fontes: notícias, mujimbos (boatos) e lembranças.

No capítulo que sucede *EU, OS GUERRILHEIROS*, temos a apresentação do narrador, Diamantino KINHOKA, por meio de um capítulo sem título em que o narrador apresenta sua legitimidade para narrar a experiência histórica coletiva, atuando como porta-voz, já que tem “a autorização que sempre a amizade e a camaradagem aceitam, sendo quissoco [irmandade] nosso o da luta de libertação” (VIEIRA, 2009, p. 11). No entanto, apesar de ter a “autorização” para isso, o narrador reconhece a dificuldade de fazê-lo, pois

(...) nunca lhes poderia diretamente contar. Porque, se dou gabo, sempre tem quem vai duvidar que foi mais que poderia ser; se dou maldizer, sendo eu próprio ex-guerrilheiro, que são invejias a verdade de suas vidas sempre não é possível de escrever, ainda que desejada (...). Daí que a verdade de suas vidas sempre não é possível de escrever, ainda que, desejada, mas, menos ainda desejada se possível. (VIEIRA, 2009, p. 12)



Ainda quanto à memória, o narrador Diamantino afirma que “é dos livros da memória e tradição no nosso povo que aquele com quem tens de comer as folhas do macunde na tribulação, tem de ser aquele que repartes com ele o feijão na abundância” (VIEIRA, 2009, p. 12); e ainda: “A gente fizemos a revolução, nossas memórias têm o sangue do tempo” (p. 12). Percebemos em tais trechos o tom memorialístico, por meio do qual Kene Vua, reconstruirá as “valerosas vidas” dos guerrilheiros e com isso, sua própria história.

Diante dessas passagens do texto literário, trazemos para discussão a obra *Memória e identidade* (2011), do antropólogo francês Joël Candau. Nessa obra, Candau traz-nos duas questões que estão a todo o momento sendo discutidas, principalmente, nas ciências humanas e sociais, fazendo, assim, um panorama de reflexões de distintas áreas do conhecimento incluindo em suas discussões autores como Pierre Nora, Paul Ricoeur, Stuart Hall, Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, entre inúmeros outros, porém *A Memória coletiva*, de Halbwachs, e *Os lugares de memória*, de Nora ocupam a centralidade do texto. Ao trazer à tona discussões acerca de memória e identidade, Candau alerta que é impossível indissociarmos esses dois termos, pois um sujeito sem memória não pode construir sua identidade, do mesmo modo que sua memória decorre de questões ligadas à construção da identidade. Essa proposta de relação entre memória e identidade não é inovadora, pois Jacques Le Goff (1990) já havia afirmado que a “memória é um elemento essencial do que costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 476).

Interessa-nos, sobretudo, a formulação de Candau acerca da problemática entre as memórias individuais e coletivas, como também da quase impossibilidade de compartilhamento de memórias, visto que cada ser constrói sua própria memória. Portanto, diante de um acontecimento histórico, por exemplo, a guerrilha, cada ser construirá sua memória. Essa impossibilidade de memória coletiva é trazida pelo narrador Kene Vua, ao afirmar que não tem condições de narrar a experiência histórica dessa coletividade, mesmo tendo legitimidade para isso, por ter participado na guerra pela descolonização em Angola: “Daí que a verdade de suas vidas sempre não é possível de escrever, ainda que, desejada, mas, menos ainda desejada se possível” (VIEIRA, 2009, p. 12).

Como forma de discutir essa impossibilidade, Candau decompõe a memória em três níveis:



- protomemória (também chamada de memória de baixo nível, memória repetitiva, memória-hábito ou, ainda, memória social incorporada, conforme Candau): a incorporação da memória social “aquilo que, no âmbito do indivíduo, constitui os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade” (CANDAU, 2011, p. 22), por meio de, por exemplo, gestos e linguagem que são realizados automaticamente, “quase sem tomada de consciência” (CANDAU, 2011, p. 23), como andar de bicicleta sem cair;

- memória de evocação (ou memória de alto nível): a memória propriamente dita “evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica” (CANDAU, 2011, p. 23);

- metamemória: o retrato que cada sujeito tem de sua própria memória, seu conhecimento e discurso sobre ela e também, por estar intimamente ligada ao esquecimento, “a construção explícita da identidade” (CANDAU, 2011, p. 23); ao narrar sua vida a alguém, o sujeito está se utilizando dessa modalidade da memória.

Diante dessa **taxonomia** da memória, Candau afirma que essas noções de memória aplicam-se somente à individualidade, visto que, quando passadas em relação à coletividade, as significações desses termos mudam ou se invalidam. Por exemplo, a protomemória é ativada ao caminharmos com certas gestualidades, sem nos darmos conta, porém é impossível dizer que uma sociedade inteira caminhe igualmente, ou que todos tenham a mesma memória de evocação, ou seja, lembranças autobiográficas idênticas. A única memória passível de compartilhamento é a metamemória, porque durante a produção de discursos acerca de um acontecimento histórico, em nosso caso de estudo, a guerrilha, há uma tentativa de narrativa comum que “geralmente acompanham a valorização de uma identidade local” (CANDAU, 2011, p. 25). Acreditamos que na narrativa ora estudada de Luandino não há essa valorização da identidade local, mas sim um modo de repensar, pela perspectiva do presente, questões referentes à construção da identidade angolana, problematizando os rumos da revolução.

Para tratar acerca dessa possibilidade de memória coletiva, que é um modo de representação da metamemória, o antropólogo afirma que “um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAU, 2011, p. 24) não podendo ser tratado como uma faculdade do ser humano, já que um grupo não tem suas lembranças de acordo com uma convenção social, apenas uma parte é capaz disso. Ainda, ao se referir à memória coletiva, Candau diz que seria uma metáfora para expressar o conceito de “memória compartilhada”, porém essas metáforas trabalharão apenas com alguns



aspectos sociais e culturais, não tendo fundamento empírico. Apesar disso, as generalizações são inevitáveis para uma teoria antropológica, então, para trabalharmos com essas generalizações cientificamente frágeis, mas que podem nos dizer muito da realidade, Candau propõe que nos utilizemos das “retóricas holistas”, termo entendido pelo autor como

(...) o emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, conjuntos que são conceituados como outra coisa que a simples soma das partes e tidos como agregador de elementos considerados, por natureza ou convenção, como isomorfos. Designamos assim um reagrupamento de indivíduos (a comunidade, a sociedade, o povo), bem como representações, crenças, recordações (ideologia X ou Y, a religião popular, a consciência ou a memória coletiva) ou ainda elementos imaginários (identidade étnica, identidade cultural). (CANDAU, 2011, p. 29)

A proposta terminológica de Candau tem por finalidade superar o que o autor chama de “hipostasia do coletivo” (CANDAU, 2011, p. 28), ou seja, uma tentativa de intuição da existência de uma memória coletiva de um grupo apenas pela observação singular de alguns membros de tal grupo. Esse método de estudo se aproximaria de uma abordagem cartesiana da memória, dividindo o todo em partes para, então, estudá-lo. Porém, como afirma Candau, nem todas essas partes são estudadas, por isso noções como memória de grupo, coletivas, sociais comuns etc. seriam “inferência[s] expressa[s] por metáforas (...), que na melhor das hipóteses, darão conta de certos aspectos da realidade social e cultural ou, na pior delas, serão simples *flactus vocis* sem nenhum fundamento empírico” (p. 29). Diante desse problema, um estudo holístico – oposto à abordagem cartesiana, estudando o todo de modo sistêmico – Metafísica, de Aristóteles) – auxiliaria a pensarmos em configurações narrativas “mais ou menos aptas a dar conta de certa realidade” (p. 30).

Para Candau (2011), é necessário fazermos duas distinções das representações memoriais: as factuais e as semânticas. A primeira da conta da existência de determinados fatos, por exemplo, “Chove”; a segunda trataria do sentido atribuído a esses fatos, por exemplo, “Diz-se que chove”. Com isso, um estudo dos sentidos atribuídos a acontecimentos históricos é problemático, porque o mesmo é uma representação semântica, ou seja, um discurso sobre um acontecimento que depende de um sistema de valores, crenças, ideologias para ser expresso. Porém, podemos pensar que há uma



possibilidade de “memória social” (não necessariamente coletiva) presente nos lugares, o Mayombe, espaço marcado pelas guerras de descolonização (diferente da proposição de Halbwachs [2006], para o qual os grupos são portadores da memória e através da inter-relação de seus membros que a memória coletiva torna-se um consenso).

Sendo assim, podemos afirmar que a memória social ou de grupo não está nos indivíduos, mas sim nos lugares. Quanto aos lugares de memória (memória como um “presente eterno”), o historiador francês Pierre Nora afirma que esses lugares são “momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos” (NORA 1993, p. 13). Os lugares de memória sustentam o sentimento de que não há memória espontânea, é necessário ativá-la permanentemente. Porém “só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica” (NORA, 1993, P.21). Ou seja, para Nora a memória existe apenas enquanto imaginário, no momento em que ela for reconstruída intelectualmente passará a ser história, portanto, baseado em seu pensamento, o que hoje chamamos de memória seria, na verdade, história. Relevando a questão de não ser memória o que é construído discursivamente, podemos afirmar que o texto de Luandino apresenta-se também como um lugar de memória, pois mantém viva a memória.

O ENTRECruzAMENTO DE LITERATURA E HISTÓRIA NOS PARATEXTOS AUTORAIS E EDITORIAIS

Após esses elementos paratextuais (introdução e apresentação do narrador), temos a primeira narrativa, a de Kakinda, ou Celestino Sebastião. Ao apresentar o companheiro, Kene Vua aproxima-se das epopeias clássicas: “Cantarei o herói, o que sempre exemplificou seu povo, vida e morte e luta, o dos cinco combates” (VIEIRA, 2009, p. 13). Ao utilizar tal estratégia discursiva, Luandino promove os guerrilheiros, anônimos para as grandes massas, a heróis, diante das suas participações na luta contra o colonialismo português e também nas guerras civis que assolaram a nação.

Kakinda é o único personagem cuja história é conduzida pelo narrador, diferente das outras onde há a passagem da voz narrativa ao personagem do conto, porém sua história é contada mediante a reescrita de um papel timbrado que contém uma entrevista do próprio personagem central da narrativa – Celestino Sebastião. No entanto, como já havia afirmado em sua apresentação, o narrador diz-se impossibilitado de “reinventar a verdade” (VIEIRA, 2009, p. 13). Diante de tal impossibilidade, o narrador apresenta ao



leitor dois documentos recebidos por um mulato de sotaque português, um “documento [que] podemos duvidar (se era para filme, tem truque de cinema), já o outro é fidedigno, sagrado: uma poesia, letra de absoluta verdade. Porque águas profundas são as palavras dos poetas” (p. 13).

Na última passagem destacada, podemos inferir que o documento oficial, que conforme esclarece o narrador mais adiante, apresenta timbre português, é passível de contestação, já que a história africana anteriormente era contada apenas pelo prisma português, colonial, desprezando a história propriamente angolana. História que foi construída pela literatura, cujo berço é a poesia de Agostinho Neto, como sugere previamente o narrador.

Ao ser questionado por seu entrevistador sobre quando começou a luta contra o colonialismo, Kakinda menciona cinco confrontos contra o colonialismo, experiências particulares, ocorridas “antes de chegar ao esquadrão” (VIEIRA, 2009, p. 21). Antes de ceder a voz narrativa para Kakinda, Kene Vua, como em todas as histórias, apresenta-o, com uma clara aproximação das épicas: “Cantarei o herói, o que sempre exemplificou seu povo, vida e morte e luta, o dos cinco combates” (p. 13). As histórias de Kakinda evidenciam, principalmente, os conflitos que viriam a deflagrar a guerra anticolonial, conflitos marcados pela luta contra o racismo e a intolerância religiosa, esses últimos são marcas dos processos coloniais, não só no continente africano, mas também americano e europeu, evidenciados ao longo da história.

Os conflitos são narrados cronologicamente pelo personagem, em primeira pessoa. Para exemplificar essa afirmação segue: o primeiro combate “foi em 1939” (VIEIRA, 2009, p. 18), o “segundo combate em 1948” (p. 18), o terceiro “em 1951” (p. 19), o quarto ocorreu “na Páscoa de 59” (p. 20) e o combate final, em “Onze de Abril de 1961, meio dia e meia” (p. 20).

Selecionamos a narrativa de Kakinda, especialmente, devido à inserção de um paratexto – conforme proposta de Gérard Genette, que em *Palimpsestos* (1987), propõe cinco relações transtextuais, entre elas a paratextualidade, ou seja, os sinais que cercam o texto (capa, título, prefácio, epígrafes, notas de rodapé etc.). No caso, é um paratexto autoral, conforme proposta também de Genette, na qual podemos identificar “dois grupos de paratextos: aqueles de responsabilidade do autor do texto (paratexto autoral) e aqueles determinados por seu editor (paratexto editorial)” (MARTINS, 2010, p. 170). Tal paratexto é uma nota de rodapé assinada por Luandino pela indicação gráfica “N. do A.”:

Nunca esta segunda entrevista chegou a ser feita. Em 27 de Maio de 1977, pelas seis horas e quarenta e cinco



minutos da manhã, ao sair da sua casa sita na Rua das Flores, aos Coqueiros, Sebastião Kalinda, ex-guerrilheiro e monitor político do MPLA na 1ª região, desapareceu antes de chegar ao “Baleizão” onde ia regularmente, pela porta do cavalo, buscar pão. Nunca mais foi visto, vivo ou morto. Se vivo for, algures, terá cerca de oitenta anos e muito que contar (...). (N. do A.) (VIEIRA, 2009, p. 24)

Com essa nota percebemos que Luandino expõe a tênue fronteira entre literatura e história, porque se refere ao seu personagem como um ser real, bem como se refere à entrevista concedida por Kakinda ao “mulato oxigenado de sotaque português” (VIEIRA, 2009, p. 13). Quanto às relações entre literatura e história nos países africanos, podemos perceber que há de modo acentuado tal relação, já que a prática histórica foi intensamente articulada pelos escritores através da ficção. Ou seja, os projetos literários de escritores de Angola, por exemplo, indicam não só uma recriação das realidades, mas a construção de sua própria História. Assim, tal como ficção e História se confundem em Angola, pois o texto literário está inevitavelmente ligado ao contexto social, a obra de Luandino apresenta essa questão expressa tanto literariamente, quanto por meio de notas editoriais que não são parte integrante do texto literário, mesmo que elucidativas do mesmo.

Nas narrativas de Luandino não há imposição de uma verdade absoluta, mas versões que se entrecruzam, ou seja, outros guerrilheiros, e relatos sobre eles, surgem para representarem seus pontos de vista. Diante dessa afirmação cabe citarmos as palavras de Hutcheon: “A metaficção historiográfica procura desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico, e o faz tanto em termos temáticos como formais” (HUTCHEON, 1991, p. 145). A respeito das diferentes representações da história, temos as narrativas do já citado Kakinda e de *Kibiaka, a quem chamavam o Parabelo*, um guerrilheiro que tinha uma grande ambição: “(...) vir a ser um homem livre” (VIEIRA, 2009, p. 52), metáfora de todos os envolvidos na busca pela independência, cuja liberdade sempre foi um horizonte comum.

Se a morte do homem que, cansado de humilhação, envereda pelo caminho certo, pode acelerar a mudança de uma justiça velha e injusta para uma injustiça nova mas justa, então, aqui, neste livro e devida vênica, tenho de falar vida e morte e fama do camarada Kibiaka, herói da nossa região. (VIEIRA, 2009, p. 41)



Para contar a história de Kibiaka, Kene Vua assume uma posição não de um “contador de verdades por nossa própria invenção achadas, mas como peneirador de mujimbos que outros alheios deixaram na memória de nossos dias de luta” (VIEIRA, 2009, p. 41). Ou seja, pretende contar a história de Kibiaka que se encontra na memória popular de um povo unido pelo ideal da liberdade.

Essa história de Kibiaka expõe, por meio da ficcionalização da história atenuada com a inserção de elementos fantásticos, pois o personagem tinha o poder de simbiose com a natureza, o contexto de repressão e perseguições que sofriam aqueles que viviam na colônia portuguesa, como indica a seguinte passagem:

Naquele ano de todas as chuvas, tudo foi nas enxurradas: sanzalas em fuga, combatentes nômadas. O que sobrou se refugiou nas matas, outros subiram na Zona-A. Os organismos e comitês se rasgam no vento das pás dos hélicópteros, os flechas caçam pessoas como pacas. Naqueles meses do Kikombelu-Kitatu, através das três ofensivas do tuga no Muxaluando, secções emboscadas se desarticulam. Os flechas reinam, são olhos e ouvidos do rei, controlam, vigiavam, vingavam. Se aldeava de arame farpado, as sanzalas viravam quibangas [currais] de pessoas, Tudo e todos. (VIEIRA, 2009, p. 48)

Entre as histórias narradas por Kene Vua, a de Kibiaka é a que apresenta maior sacrifício físico e psicológico, em especial por enfrentar diversas emboscadas. Em decorrência dessas emboscadas, Kibiaka desenvolve seu poder de simbiose “tinha seu feitiço, virou folha de mutalamenha, se meteu dentro de um pau, se amigou com as árvores no mais fundo da mata do Kuakié” (VIEIRA, 2009, p. 48). O mesmo feitiço que o auxiliou nas batalhas, o levou a morte, pois após uma emboscada, um flexa, o Macio, arrancou-lhe a face na tentativa de obter para si o feitiço do canto dos pássaros. Esse feitiço de Kibiaka pode ser relacionado com outras narrativas literárias sobre as guerras anticolonialistas como em Mayombe, por exemplo, pela capacidade que os guerrilheiros tinham de imitar pássaros e outros sons da natureza para enganar e emboscar os soldados portugueses.

Referenciamos a narrativa de Kibiaka, porque além de o personagem ter traços fantásticos por seu feitiço que o fazia misturar-se com a natureza, nela a relação entre literatura e história é expressa de modo contundente, na segunda nota de rodapé, presente na narrativa de Kibiaka.



Nessa nota o autor afirma ser Kibiaka personagem de outro romance seu, *Nós, os do Makulusu*:

Quando ouvi pelo ex-guerrilheiro Kene Vua – o meu amigo Diamantinho Kinhoka, o Kapapa – esta biografia, apressei-me a ler-lhe, do meu livro *Nós, os do Makulusu* umas passagens referentes a uma personagem. Chamava-se Kibiaka. Tinha me surgido, em sonhos, no Tarrafal de Santiago, Cabo Verde, naquela semana do ano de 1967 em que todas as noites me apareciam os factos ou as palavras que davam origem, no dia seguinte, à escrita (...). Conteí tudo isto ao Kapapa. Ele me olhou, assanhado, com a minha dúvida e ripostou sem pestanejar: “E qual é, ò branco?!...O quilulo do avô dele t’avisou nos sonhos. Te confiou entanto que escritor...” - e acabou de beber sua cervejinha, sem nunca mais. Sempre achei questão de preguiça mental aceitar coincidência ou intervenção sobrenatural para explicar factos reais. Para tudo tem que ter uma explicação cabal, mesmo que ninguém a saiba. É só questão de paciência e tempo. Paciência, vou tendo; tempo é que a cada dia que passa, fica mais curto. Terei de aceitar a coincidência? (VIEIRA, 2009, p. 53)

O problema é que não temos a marca “N. do A.”, porém há claras referências biobibliográficas de Luandino que nos remetem imediatamente a sua pessoa, pois sabemos que o autor angolano esteve na prisão do Tarrafal, em Cabo Verde, detido pela PIDE de 1961 a 1972, como também ter escrito o romance *Nós, os do Makulusu*. Contudo não podemos afirmar ser essa uma nota autoral, mas sim editorial, já que não há a referência direta da autoria. Com isso temos uma problemática ainda maior quanto à relação entre literatura e História, já que como um paratexto editorial serviria apenas para elucidar passagens das narrativas, tais como as traduções de expressões em quimbundo. No entanto, tendo essa nota referência a Luandino, o mesmo afirma ter conversado e contado tudo ao Kapapa (Kene Vua).

Ainda com referência a diálogos estabelecidos com Kene Vua, mais uma nota de rodapé, novamente autoral, Luandino, dessa vez estando com Pepetela, afirma:

Ponto-de-ordem a propósito do modo invulgar como o ex-guerrilheiro Kene Vua sempre começava essa história,



com o insólito “conheces tu...”. Num dez de dezembro, em 1983 ou 84, estávamos no Mussulo com os camaradas Toka, Dibala e Pepetela – todos ex-combatentes – mais um amigo deles, professor, um mestiço natural de Kindambiri. Eu estava a contar a estória do Zapata com aquelas falas que o meu amigo Kapapa jurava serem de seu sempre idolatrado comandante Ndiki Ndia: “conheces tu a terra onde brilham as laranjas de ouro...”, etc. (...). (N. do A.) (VIEIRA, 2009, p. 59)

Aqui temos referência a alguns personagens da história angolana, dois comandantes José Condesse de Carvalho, “Toka”, Rui Filomeno de Sá, “Dibala”⁹ e dois escritores: Pepetela e Luandino; juntamente com tais personagens históricos está o narrador de *De rios velhos e guerrilheiros I e II*, Diamantino Kinhoka, o Kene Vua. Diante disso, podemos afirmar que esse encontro é uma metáfora da própria condição da construção do discurso histórico de Angola em que escritores eram combatentes e, obviamente, conviviam com outros guerrilheiros e com seus futuros personagens que serviriam para “furar” as barreiras de divulgação da história dos guerrilheiros que o colonialismo impunha, e o único modo de transpor essas barreiras era por meio da literatura¹⁰.

LUANDINO E A PROBLEMATIZAÇÃO DO PRESENTE ANGOLANO

Como última subdivisão desse trabalho, propomos a problematização do presente angolano que Luandino faz em sua obra, principalmente expressa no último capítulo, possível epílogo, *Nós, a onça*, em que duas passagens são esclarecedoras quanto a essa afirmação, na primeira, que segue abaixo, por meio da rememoração, o narrador questiona os grandes erros, sofrimentos e mortes passados no curso da história angolana:

Quando, às vezes, ponho diante de meus olhos aos grandes erros e tribulações, aos muitos sofrimentos que

⁹ Em 2004, Rui Filomeno de Sá foi indicado pelo MPLA para integrar uma comissão (coordenada por Afonso Van-Dúnem Mbinda) cuja missão era de escrever a história do MPLA.

¹⁰ No fim dos anos 1940 Agostinho Neto e António Jacinto, entre outros, com o **movimento** *Vamos descobrir Angola* visavam, por meio da literatura, instigar no povo a busca pelo desvencilhamento da política e cultura impostas pelos colonizadores portugueses.



por nós passaram e vejo a figura de tantas vidas, e não menos mortes, no livro da nossa luta, pergunto saber: vivem, nossos mortos, se vivos os vejo em meus sonhos? (VIEIRA, 2009, p. 97)

Já no segundo excerto, o narrador refere-se à nação angolana por meio da metáfora da nação angolana como uma onça:

E se uns, sendo filhos dos homens que usavam sua cabeça baixa a levantaram; e outros, nunca mais tiraram chapéu às autoridades; se uns reivindicaram seu direito de ter funje para comer lhe com suas mãos e reclamam a mínima dignidade, a de barriga cheia; ou uso e costume de se chamar seus velhos nomes vindos da cinza do tempo; ou mesmo atrevimento de formar nova geração de nomes, nascidos na barriga da luta – outros se apegaram a suas antigas linhagens e gloriosas famílias, a reinos, colonos e mafulos, fidalguias de que pouca memória era, para dignidade sim, mas de privilégio. E, mais tarde, muitos vão de exigir ser chamados excelência e excelentíssimos e de camaradas só tratam a motoristas de seus carros e seguranças de suas riquezas... Em sua pele mosqueada, beleza de nossa onça não deixava nos ver as pulgas de seu pelo. (VIEIRA, 2009, p. 100)

Aqui percebemos a questão referente a não concretização do sonho de igualdade social tão batalhada, pois muitos guerrilheiros exigiriam serem chamados de senhores e andarem em meio à população com motoristas e seguranças após alcançarem o poder, clara referência ao poder político hegemônico do MPLA que pós-independência se manteve no poder desde então. Homens que se utilizaram do poder da resistência da sociedade para depois esquecê-la em sua política, vide os grandes problemas de desigualdade social enfrentados por Angola nos dias de hoje.

Esses **parasitas** estão corporificados na pele da onça (Angola) que com o passar dos anos foi expondo as pulgas que não eram possíveis de serem observadas em sua pele, pois conseguiam disfarçarem-se nas pintas da onça, que eram a sociedade como um todo: "(...) nós, barrigas nuas e vazias, simples pintas só de sua pele mosqueada" (VIEIRA, 2009, p. 97) metáfora da união social que com o passar dos anos foi se desfazendo, demonstrando que muitas de suas pintas eram na verdade pulgas que estavam



ali para sugar o sangue da onça, fortalecendo-se, porém enfraquecendo o hospedeiro.

CONCLUSÃO

Esse trabalho procurou discutir como ocorre a ressignificação da história, através da memória, na ficção de Luandino Vieira. O mesmo utiliza diferentes estratégias intertextuais e paratextuais para evocar tais questões. Quanto a isso, Rita Chaves afirma: "O retomar do passado, dentro de modelos variados e com intenções diferentes, com efeito, converte-se numa prática recorrente na prosa de ficção contemporânea" (CHAVES, 2004, p. 160).

Diante disso, podemos afirmar que Luandino enquadra-se no que se refere Chaves, já que tanto a forma quanto as intenções são distintas, pois a retomada do passado em *De rios velhos e guerrilheiros II: O livro dos guerrilheiros* não se dá de forma a denunciar os problemas enfrentados pelo MPLA, do modo como foi feito por Pepetela em *Mayombe*. No caso de Luandino, evoca esse passado como modo de depuração, refletindo os rumos tomados pela revolução nos quais a revolução não trouxe a tão sonhada igualdade: "Não se trata de um regresso ao tempo que precedeu à cisão para recuperar in totum os signos daquela ordem cultural, mas sim de resgatar alguns dos referentes que se podem integrar aos tempos que se seguem" (CHAVES, 2004, p. 161).

Assim, Luandino está refletindo a realidade que o cerca, uma experiência histórica traumática, mas que é traduzida pela literatura em uma atualidade política e histórica incertas evocando o passado como um modo de pensarmos nos rumos que serão tomados futuramente em Angola, para que não se cometam os mesmos "erros", para que todas as pulgas, que tanto sugaram sangue, possam ser retiradas da pele dessa onça chamada Angola, alertando as gerações futuras, pois como é dito pelo próprio Luandino em entrevista: "(...) não se pode construir o futuro – como tanto tinham sonhado nas longas noites da guerrilha – mas tem de se continuar a lutar no presente para que o nosso futuro não seja mais construído pelos outros" (VIEIRA, citado em RIBEIRO, 2012, p. 165). Desse modo, o autor nos demonstra que não é por ter terminado a revolução que a resistência deva terminar, pelo contrário ela deve continuar sendo diária, para que os rumos da nação sejam tomados consoantes à população, não de modo arbitrário, construídos por outras pessoas.



De rios velhos e guerrilheiros apresenta-se, então, como um livro de memórias, não só do autor, mas de toda a nação angolana e também como a formação da memória política de Angola. Isso é feito mediante a apresentação de relatos de guerrilhas que evidenciam o percurso histórico da resistência, sua tradição, não apenas do último enfrentamento contra o colonialismo, trazendo eventos da vida dos guerrilheiros que ocorreram antes de iniciar oficialmente as batalhas anticolonialistas do MPLA. Dessa maneira o autor indicou que, mesmo antes da formação dos movimentos de libertação e de haver uma guerra declarada, a população já encontrava modos de resistir.

Ao fazer uma revisão de personagens e acontecimentos passados não há um retorno repleto de nostalgia, mas, como afirmamos previamente, esse passado está filtrado pelo presente sob uma perspectiva problematizadora, como fica mais evidente no prólogo *Nós, a onça*. A memória apresenta-se fragmentada, estilhaçada, já que não existe a possibilidade de recriar os eventos completamente. Diante de tamanha violência, física e psicológica, a memória torna-se frágil. Com isso, “é necessário lutar contra o esquecimento e a denegação, lutar em suma contra a mentira, mas sem cair em uma definição dogmática de verdade” (GAGNEBIN, 2006, p. 44).

Os retratos dos guerrilheiros, quando pensados unificadamente, representam a geração que lutou pela independência de Angola, mas que se vê hoje magoada frente à realidade proveniente daquela idealização de uma Angola livre da ditadura. Porém, como sugere Mia Couto (mesmo pensando no contexto moçambicano, podemos relacionar seu pensamento para o angolano):

O colonialismo não morreu com as independências. Mudou de turno e de executores. O atual colonialismo dispensa colonos e tornou-se indígena em nossos territórios. Não só se naturalizou, como passou a ser co-gerido numa parceria entre ex-colonizadores e ex-colonizados. (COUTO, 2005, p. 11)

Com a escrita dessa obra, Luandino faz uma espécie de alerta ao povo angolano, que a consciência criada na época da guerrilha não deveria ter acabado ao fim do colonialismo português, deveria permanecer em todos como uma forma de manter acesa a chama da liberdade, ser contínua. Apenas em posse de tal consciência o povo poderia questionar os atuais desmandos do MPLA denunciados por Luandino. O povo não deve manter o mesmo “silêncio magoado” do escritor e buscar uma Angola independente próxima a que foi idealizada por ele em seus textos e não se contentar com a realidade dela proveniente, a de um governo tão politicamente opressor quanto



o antigo colonizador, pois, parafraseando Mia Couto (2005), o colonialismo não morreu com a independência, apenas mudou de mãos, estando agora naturalizado nas "indígenas".

REFERÊNCIAS

- CANDAU, J. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARVALHAL, T. *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.
- CHAVES, R. O passado presente na literatura africana. *Via Atlântica*, n. 7, São Paulo, out. 2004, p. 147-161.
- COUTO, M. *Pensatempos*. Lisboa: Caminho, 2005.
- GAGNEBIN, J. M. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: 34, 2006.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.
- MARTINS, A. As margens do texto nas margens do cânone: Paratexto, texto e contexto em Luanda e Mayombe. *Ipotesi*, v. 14, n. 2, Juiz de Fora, jul./dez. 2010, p. 169-177.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, São Paulo, dez. 1993, p. 7-28.
- RIBEIRO, M. C. De rios e guerrilheiros por Luandino Vieira. In: FONSECA, M. N.; CURY, M. Z. (Org.). *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012, p. 151-169.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*, v. 3. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- VIEIRA, L. *De rios velhos e guerrilheiros: o livro dos rios*. Lisboa: Caminho, 2006.
- _____. *De rios velhos e guerrilheiros: o livro dos guerrilheiros*. Lisboa: Caminho, 2009.

